

FUTEBOL E VOLEIBOL: QUE “JOGOS” SÃO ESSES?

Marília Menezes Nascimento Souza
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe
Grupo de pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP/CNPq

Esta experiência pedagógica em Educação Física foi realizada em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, localizado no município de São Cristóvão – SE. A experiência aconteceu no segundo semestre de 2009, particularmente entre os meses de agosto e outubro, quando desenvolvia minhas atividades como professora substituta na referida unidade de ensino.

Nessa escola os/as estudantes ingressavam, até o ano de 2009, via processo seletivo de provas, no 6º ano do Ensino Fundamental. Dessa maneira, a escola reúne jovens provenientes de diferentes bairros, diferentes escolas, enfim, diferentes realidades sócio-culturais e econômicas e com diferentes representações acerca da disciplina Educação Física. Apesar da escola se localizar nessa cidade, seus estudantes residem, em maioria, na capital Aracaju. Como eram selecionados por mérito acadêmico, tínhamos naquele contexto predominantemente jovens familiarizados com a cultura tradicionalmente valorizada no espaço escolar. Valorizavam conteúdos que transitam no âmbito da ciência positivista demarcando uma cultura erudita, intelectualista e carregada das perspectivas e compreensões comuns a um grupo socialmente dominante, o que se articula para a manutenção de um *status quo* a partir da adequação de si e dos seus “iguais” e da submissão dos “outros” às normas hegemônicas.

A mesma lógica era vivenciada na Educação Física. Ao ingressarem no 6º ano, traziam representações de que o conteúdo dessa disciplina eram os esportes, que deveriam ser tratados a partir de uma perspectiva técnica, de modo que eles pudessem desenvolver as habilidades motoras específicas e os fundamentos técnicos necessários para jogar em momentos de lazer, participar de competições e até se divertirem e relaxarem do excessivo trabalho das outras disciplinas no momento da aula de Educação Física. Outra representação do componente era a de “um momento livre” na rotina escolar, em que eles poderiam ter acesso a diferentes materiais e utilizá-los conforme sua vontade para relaxar e se divertir, ou simplesmente ficarem sentados em rodas de bate-papo, uma espécie de recreio, uma vez que tinham uma rotina de quatro horas e meia de aula, comumente realizada dentro das salas onde permaneciam geralmente sentados e na condição de ouvintes com apenas quinze minutos de intervalo.

Ao encontrar essa turma, no segundo semestre de 2008 (quando ingressei na escola), percebi essas tendências e apoiada nos princípios e fins da Educação apontados pela Lei de

Diretrizes e Bases: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; valorização da experiência extra-escolar; vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais” – (BRASIL, 1996) e nas reflexões acerca das necessidades educacionais na contemporaneidade, busquei empreender uma prática que primava pela perspectiva cultural do componente.

Fundamentada nas reflexões e proposições de Neira e Nunes (2006), busquei desde o primeiro contato mapear a cultura corporal dos sujeitos, compreender suas representações e as possíveis assimetrias inerentes às práticas sociais e discursos que expressavam. Assim, nas nossas aulas de Educação Física, os conhecimentos da cultura corporal foram tratados em sua relação com as questões culturais mais amplas, considerando a inevitabilidade do caráter discursivo a elas imanente. A dimensão cultural da qual essas práticas são constituintes ou constituídas carrega relações de poder, que frequentemente estão orientadas para a manutenção da cultura, compreensões, atitudes e/ou comportamentos hegemônicos (HALL, 1997).

Nesse sentido, ao abordar as práticas corporais como manifestações culturais envolvidas em contextos sócio-históricos que condicionam essas manifestações, bem como suas representações para os diferentes grupos e sujeitos, dialogamos com a fundamentação dos Estudos Culturais. Nessa perspectiva, a cultura ganha importância e não pode ser estudada como uma variável, secundária ou independente em relação ao que move as relações sociais de um modo geral. Conforme Hall (1997), ela precisa ser vista como algo fundamental, constitutivo, que determina a forma, o caráter e a vida interior desses movimentos.

O autor discute a “centralidade da cultura” nos processos de organização da sociedade e realça sua importância na formação de identidades. A “centralidade da cultura” indica, assim, a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. Nessa perspectiva, lembra também da “centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como ator social” (HALL, 1997, p. 20), o que motivou as nossas práticas no sentido de investigar as diferentes manifestações da cultura corporal segundo seus possíveis efeitos subjetivos.

O conceito de subjetividade é aqui compreendido conforme o entendimento de Johnson (2010, p. 27) “ele inclui a possibilidade de que alguns elementos estejam subjetivamente ativos – eles nos mobilizam – sem serem conscientemente conhecidos”, ele destaca o “quem eu sou” ou, de forma igualmente importante, o “quem nós somos” da cultura, destacando também as identidades visuais e coletivas. Desse modo, evidenciando a subjetividade não como dada, mas como produzida, constituindo objeto de análise.

Pautada nessas fundamentações e na compreensão de que no contato com a cultura, com as manifestações da cultura corporal, muitas vezes somos tensionados, ou constituímos-nos como sujeitos adaptados a lógicas e comportamentos hegemônicos, a condutas de preconceitos e exclusão daqueles que não se enquadram, procurei empreender uma prática pedagógica comprometida com a construção ou reelaboração de representações pautadas na reflexão crítica acerca da diversidade cultural que compõe os sujeitos e a cultura corporal, com a ampliação do repertório cultural e da capacidade de compreender essas manifestações.

Assim, no decorrer do contato com as referidas turmas, constatei que os esportes voleibol e futebol compunham a identidade daquele grupo. Inclusive, a incorporação ou não dos códigos corporais específicos desses esportes demarcavam a possibilidade de fazer parte ou não de determinados grupos, ou mesmo de demarcar a sexualidade do outro. O voleibol era tido como um esporte feminino, desse modo, as meninas deveriam saber jogá-lo, aquelas que não sabiam, eram excluídas em momentos de lazer e mesmo dos grupos de amizade que ali se formavam. Os meninos que jogavam voleibol tinham sua sexualidade questionada pelos demais, se insinuava a homossexualidade e também eram excluídos do grupo dos “machos”, os jogadores de futebol. Estes últimos, sempre muito autoconfiantes em relação ao domínio da técnica e à virilidade masculina, não permitiam a inclusão de “iniciantes”, que ainda não dominassem a técnica, não só nos jogos, mas também nos grupos de amizade, excluindo assim, a maioria das meninas e alguns dos meninos que declaradamente manifestavam sua afinidade com o voleibol.

Diante da afinidade que apresentavam com esses esportes, os/as estudantes sempre me solicitavam o trabalho com o voleibol e o futebol nas aulas de Educação Física. Entretanto, ficava claro que o que queriam mesmo era aperfeiçoar a técnica e se divertir jogando. Optei por trabalhar diferentes temáticas antes de chegar aos esportes. Assim seria possível conhecerem outras manifestações da cultura corporal e ampliarem o senso crítico diante das práticas por eles incorporadas, bem como compreender que essa incorporação se dá no âmbito da cultura e carrega diferentes significados e relações de poder, que comumente contribuem para a submissão, exclusão ou até exploração de grupos minoritários, produzindo uma sociedade repleta de desigualdades, intolerância, desrespeito e violência.

Como resultado dessa decisão, pude notar os/as estudantes mais propensos à discussão, à ampliação dos conteúdos através de atividades de pesquisa e à realização de tarefas e práticas, *a priori*, incomuns quando se aborda os esportes nas aulas de Educação Física escolar. Notei também, por parte de muitos, bastante engajamento e tomada de posição política diante das discussões que iam surgindo. Além disso, pareciam já compreender que todas essas atividades faziam parte do trabalho pedagógico da disciplina e, por mais que desejassem praticar os esportes,

não rejeitavam as demais atividades, inclusive participavam ativamente na elaboração, realização e reestruturação.

Assim, após um ano lidando com a turma, decidi tematizar o voleibol e futebol nas aulas. Optei por tratar os dois esportes paralelamente para viabilizar o embate das representações e o diálogo entre os sujeitos que se interessavam apenas por uma das modalidades, também entre as duas práticas e suas representações no atual contexto sócio-histórico, particularmente considerando a realidade do estado de Sergipe, o município de Aracaju.

Elegi como temática de trabalho “Futebol e voleibol: que “jogos” são esses?”. O objetivo era tratar essas duas manifestações da cultura corporal buscando ampliar o olhar dos/das estudantes para além da sua prática enquanto esporte e compreender os diferentes “jogos” (de poder, em relação a gênero, classe e diferenças culturais) que subjazem essas práticas e influenciam identidades e comportamentos.

Iniciei o trabalho apresentando a temática e fazendo o convite para realizarmos alguns jogos de futebol e voleibol, de modo que pudéssemos ver como era a nossa participação naqueles jogos. Nesse momento articulei a execução dos jogos e pedi que eles se organizassem em grupos, deixando-os à vontade para se manifestarem durante as práticas. Propositalmente, não interferi em praticamente nada, mas anotei os comportamentos expressos.

Tanto no futebol quanto no voleibol, havia um grupo que, diante das experiências anteriores, se autoexcluía dizendo que não sabiam jogar. Outros, mais envolvidos com a turma, por disporem de habilidades num ou noutro esporte, entravam nos jogos em que não dominavam as habilidades específicas, recebiam gritos e xingamentos. Houve outro grupo que, convicto de sua identidade se recusou a praticar o outro esporte. Esses foram os que manifestavam muita habilidade no futebol e justificavam sua não participação no jogo de voleibol dizendo: “não gosto”, “jogo de mulherzinha”, “eu participo na hora do futebol”.

Todas essas questões foram tratadas ao final da aula. Estimulei-os a pensar nas suas posturas questionando-os se estavam sendo preconceituosos, se estavam discriminando alguns colegas em virtude da sua aproximação com uma determinada prática corporal que não era igual à sua e/ou por questões de gênero e sexualidade –inclusive criando estereótipos –, se estava correta a postura de excluir pessoas por elas não dominarem uma técnica ou um código corporal que era necessário para dialogar na prática do futebol e voleibol, se já pensaram por que algumas pessoas se autoexcluía das práticas e se já se permitiram jogar outro esporte, no caso o voleibol, para os que se autodenominavam futebolistas.

Nesse momento, a intenção não foi obter respostas politicamente corretas ou justificativas relativamente plausíveis para tais comportamentos, mas substancialmente suscitar a

reflexão. Alguns alunos se colocaram reconhecendo os comportamentos enquanto negativos e outros começaram a dar exemplos dos maus tratos que receberam. A partir dessa conversa, expliquei que o desenvolvimento de habilidades específicas e o domínio dos fundamentos técnicos dos esportes se dá pela prática, pelo treinamento e que aqueles que praticam com frequência se desenvolvem mais rápido, têm mais facilidade e, conseqüentemente, mais possibilidades de participação e inserção em grupos de prática, seja qual for a finalidade.

Desse modo, deter uma habilidade técnica específica, não significaria ser um indivíduo essencialmente superior, mas um indivíduo que teve condições de desenvolver tais habilidades e que, desse modo, alguns poderiam ter mais habilidade com um dos esportes, outros com os dois, outros com nenhum, a depender do contexto em que cresceram, das oportunidades que tiveram. Inclusive, o fato de predominantemente, as meninas não terem o domínio das habilidades do futebol indica relações com uma cultura machista, que ainda hoje considera o futebol uma prática masculina, não permitindo às mulheres sua prática desde a infância. Àquelas que vencem as barreiras da proibição cultural, resta o ônus de conviver com situações de preconceito e discriminação, ao serem padronizadas pelo estereótipo de que são masculinizadas, lésbicas, “maria-homens”¹.

Diante dessa explicação, os alunos ouviam atentos e não manifestaram questionamentos ou discordâncias. Apenas acolhi uma reflexão aparentemente nova para eles. Sugeri que fizéssemos algumas atividades para identificar o nível de apropriação das habilidades e fundamentos técnicos que permitem a um indivíduo participar daquelas manifestações esportivas e verificássemos o que nos faltava para podermos organizar momentos e atividades de aprendizagem e aperfeiçoamento das habilidades, conhecimentos e técnicas necessárias para ampliar as condições de participação em jogos de futebol e voleibol. Para o teste, elegemos os fundamentos principais de cada esporte. Para o voleibol: saque, toque, manchete. Para o futebol: chute, passe e condução de bola.

Realizamos as atividades de modo que os alunos que tinham mais habilidade com cada esporte colaboravam buscando identificar os aspectos que cada colega precisava melhorar. Criamos conceitos para melhor identificar o nível de desempenho de cada estudante: Bom, quando conseguia realizar o fundamento segundo sua funcionalidade no jogo; regular, quando conseguia realizar o fundamento, mas sem muito domínio, o que comprometeria a sua condição de participação num jogo; e ruim, quando não conseguia realizar o fundamento. Não tomamos como parâmetro uma organização técnica específica ou perfeita do movimento, mas a realização que

¹ Termo muito utilizado na região para referir-se a mulheres com características comportamentais afins ao que culturalmente identifica o universo masculino.

permitisse a participação em condição de jogo, segundo as normas dos referidos esportes. Assim, eu e os colaboradores nos distribuímos nas quadras de voleibol e futsal a partir da organização de um circuito de atividades onde todos/as estudantes passaram e puderam ser avaliados quanto aos fundamentos citados, inclusive os que participaram ajudando. Essa atividade se realizou em um encontro de dois horários geminados. Pude levar os resultados anotados e fazer uma análise mais cuidadosa, considerando as manifestações orais e expressões faciais que presenciei enquanto as atividades eram realizadas.

No encontro seguinte, após os testes, conversamos sobre os resultados e chegamos a algumas conclusões: alguns alunos que achavam que não tinham algumas habilidades se surpreenderam quando realizaram os movimentos solicitados em um nível considerado razoável para participar dos jogos; muitos alunos que tinham imensa habilidade em um dos esportes apresentavam muita dificuldade com o outro; e muitos dominavam algumas habilidades de um esporte e não dominavam outras também consideradas importantes. Assim, assumimos o compromisso de juntos trabalharmos para desenvolver as habilidades específicas que nos dariam a condição de “dialogar” no âmbito da linguagem dos esportes voleibol e futebol, através de atividades práticas orientadas e do exercício do jogo propriamente dito, tanto de futebol, quanto de voleibol, de modo que todos praticassem ambos e em diversas condições.

Durante as práticas, realizamos atividades através das quais trabalhamos cada fundamento que foi objeto da avaliação inicial em relação às condições técnicas para os jogos. Esses fundamentos foram trabalhados isoladamente em atividades individuais e em grupo e de maneira articulada, unindo dois ou mais fundamentos em algumas atividades. A técnica era tratada nessas aulas como uma possibilidade de execução do movimento e não a única, de modo que os/as estudantes estavam livres para realizarem os fundamentos segundo suas possibilidades e criatividade. Entretanto, no decorrer das experiências, busquei orientar para a realização de movimentos que não ferissem as regras de cada esporte tratado, como tentar tocar a bola de vôlei por baixo utilizando as palmas das mãos, o que seria “condução”, uma falta conforme as regras desse esporte.

Além dessas atividades, em todos os encontros realizávamos os jogos propriamente ditos, alterando as condições conforme as necessidades apontadas pela turma para que pudessemos viabilizar a participação e paralelamente o aperfeiçoamento dos fundamentos técnicos de cada esporte. Assim, realizamos jogos em que meninas e meninos estavam em times opostos, com meninos e meninas participando da mesma equipe, com equipes femininas enfrentando equipes femininas e as masculinas enfrentando as masculinas, diferentes quantidades de jogadores por equipes, jogadores de diferentes estaturas e articulando times com pessoas em diferentes níveis de

habilidade. Buscando viabilizar um contato equilibrado com o futebol e o voleibol, trabalhávamos alternando o esporte, um dia o futebol e outro o voleibol.

Ao final de cada prática, conversávamos sobre como eles estavam percebendo seu desenvolvimento e as condições de participação de acordo com a organização das equipes, nesse aspecto eles sempre pontuavam um maior equilíbrio no futebol, quando as duas equipes que se enfrentavam eram formadas por pessoas do mesmo sexo. O que não acontecia em relação ao voleibol, onde preferiam jogar com equipes mistas, uma vez que isso não inviabilizava as condições de participação no jogo. O que reforça a ideia de que as meninas têm sido cerceadas da participação em jogos de futebol.

Seguimos essas práticas entrelaçando-as com as discussões e investigações mais amplas com o propósito de desvendar outros “jogos” subjacentes ao voleibol e ao futebol. Para tal, iniciamos com a realização de um jogo ao estilo “passa a bola” que consistia em o estudante que finalizasse a música com a bola na mão, teria que dizer uma palavra que traduzisse, ou tivesse alguma relação com o futebol ou o voleibol, alternadamente. Nas duas turmas mencionaram predominantemente palavras relativas à prática esportiva, nome de jogadores famosos, nomes de clubes do sudeste do Brasil e do exterior:

Futebol	Voleibol
Trave, jogador, bola, atacante, campo, juiz, zagueiro, rede, meio de campo, torcida, Cristiano Ronaldo, cadarço, Roberto Carlos, Kaká, goleiro, Pelé, Adriano, Marta, Robinho, Ronaldo, travessão, luva, São Paulo, Maracanã, Grêmio, Corinthians, Patrocinador, Torcida, Trovão Azul, time, chuteira, gol, atacante, Flamengo, Vasco, Palestra Itália, Fluminense, Palmeiras, Botafogo, vitória, Campeonato Brasileiro, Bundesliga, Copa do Brasil, Copa do Mundo.	Quadra, Rede, saque, toque, bloqueio, 6 jogadores, manchete, bola, Giba, levantador, Fofão, linha, meia, Osasco, Brasil, Fluminense, Herba Life, Maracanzinho, China, campeonato, Bernardinho, Grand Prix, Cortada, Rio de Janeiro, homens, mulheres, Dani Lins, recepção, Paula pequeno, Liga Mundial.

A partir das respostas anotadas no quadro, pedi que fizessem uma análise do que surgiu e elaborassem suas conclusões. Alguns/mas estudantes se posicionaram. Em síntese, as conclusões foram:

- “Futebol é o esporte mais conhecido do mundo”.
- “Está na Mídia, dia de quarta e domingo”.
- “A copa do mundo reúne muitos países”.
- “Os jogadores são tidos como estrelas”.
- “É o assunto mais falado entre os homens”.

- “Existe muita rivalidade, discussão”.
- “Há uma imponência na estrutura dos estádios”.
- “Futebol é o esporte com mais campeonatos”.
- “Os salários dos jogadores são muito altos”.
- “O futebol está nas poesias, nas músicas”.
- “Existe preconceito contra as mulheres”.
- “O voleibol é um esporte muito praticado no Brasil”.
- “Futebol é um dos esportes mais praticados e mais preferidos”.
- “O Brasil tem um time que é a primeira maior torcida do mundo, o Flamengo”.
- “Futebol é praticado em todas as classes sociais e idades”.
- “Envolve muito dinheiro”.
- “No futebol existem vários campeonatos”.
- “Futebol é uma representação do Brasil”.

Problematizei as falas fazendo-os refletir sobre o porquê dessas conclusões, questionei de onde vinham as ideias apresentadas, que relações eles faziam para compreender daquela maneira. Eles já aguçavam o senso crítico e a capacidade contextualizar aquelas primeiras afirmações, expressando inter-relações entre mídia, poder, interesses econômicos e questões históricas e culturais que influenciam essas práticas, identificando mitos como “jogadores de futebol são ricos e famosos”, questões de identidade em relação à escolha do esporte favorito e time e a influência da mídia nessas escolhas, bem como a intolerância para com escolhas diferentes a ponto de gerar violência, identificando e assumindo posturas críticas diante do preconceito contra a mulher no futebol, críticas acerca da pouca divulgação do voleibol e do preconceito contra os homens que se identificam com esse esporte na escola em comparação ao não preconceito em âmbito nacional.

A partir dessa discussão, foi decidido coletivamente que um grupo de estudantes, em cada sala, fizesse uma pesquisa na internet acerca das palavras citadas na atividade, um grupo ficava encarregado de construir um texto informativo sobre as palavras relacionadas ao futebol e outro àquelas relativas ao voleibol. Também se comprometeram a pesquisar acerca das conclusões e reflexões apresentadas, de modo que pudéssemos identificar se havia pertinência naquelas constatações. Na aula seguinte, os estudantes apresentaram seus textos para a turma, aqueles que não conheciam alguns dos termos passaram a conhecê-los e concluímos que as reflexões e contextualizações apontadas estavam fundamentadas em fatos reais, com os quais eles tomavam contato pela própria mídia, via televisão e internet.

Provoquei outra reflexão que não aparecera nas falas: por que não foi citada praticamente nenhuma palavra em relação ao futebol e voleibol em Sergipe? E por que também quase não surgiram informações sobre a mulher nesses esportes? A resposta, em ambas as salas, foi que não foi dito porque praticamente não havia futebol e voleibol em Sergipe e o mesmo em relação às mulheres. Sugeri que aprofundássemos nossos conhecimentos sobre o futebol e voleibol em nosso estado e buscássemos saber porque, que “jogos” haviam no “meio de campo” e que dificultavam nosso conhecimento e até a nossa identidade com o futebol e voleibol praticados no nosso estado. Percebi a necessidade de conhecermos espaços destinados à prática profissional do futebol e voleibol e conversarmos com sujeitos mais envolvidos com o cenário do esporte sergipano.

Seguindo na ampliação das nossas reflexões e observando a interferência da internet na constituição das reflexões (seja formatando/direcionando o pensamento, seja subsidiando/oferecendo dados para outras análises) e das próprias identidades daqueles sujeitos, busquei na rede, a partir do lançamento de palavras-chave em site de busca, frases e pensamentos de diferentes pessoas, famosas ou não, acerca do futebol e do voleibol. As turmas tomaram contato com essas frases e pensamentos através de uma atividade onde cada estudante retirava uma aleatoriamente, lia e manifestava sua opinião a respeito. Então puderam verificar textos de pessoas devotadas a esses esportes, como também textos de pessoas que manifestavam sérias críticas ou simplesmente aversão. Na discussão final dessa atividade, fizemos uma relação entre o sujeito que falava (quando conhecido), com o que ele falava e qual a experiência dele com aquele esporte (por exemplo: o jogador de futebol Pelé ao manifestar sua admiração e respeito ao futebol, levou-nos a refletir que devido à sua habilidade no esporte teve uma série de outras possibilidades/oportunidades na vida, ao passo que uma mulher comum, desconhecida para nós, ao manifestar sua aversão ao mesmo esporte nos fazia refletir acerca da experiência de muitas mulheres com o futebol, o que contribuía com a construção daquela idéia/sentimento) trazendo assim, mais uma vez a reflexão sobre a constituição da identidade com relação a um esporte ou à escolha de um time para torcer.

Para o contato com os sujeitos reais do cenário sergipano, realizei visita ao estádio estadual, localizado na capital Aracaju, onde também está situada a Secretaria Estadual de Esporte e Lazer e entrei em contato com um dos dirigentes da Federação Sergipana de Futebol. Relatei o trabalho que estava a desenvolver na escola e ressaltai a importância dos/as alunos/as conhecerem os espaços para a prática do desporto profissional no estado, bem como de conversarem com pessoas que como ele fazem parte do esporte sergipano e podem, assim, oferecer maiores informações sobre os fatores históricos e condicionantes do futebol, futsal e voleibol sergipanos.

Este senhor elogiou a iniciativa e se colocou à disposição para nos receber nas visitas e passar um pouco dos seus conhecimentos e experiências. Agendamos as visitas para as duas turmas em tardes consecutivas.

Para nosso deslocamento da escola aos espaços de prática, solicitamos com antecedência o transporte da universidade. Todos/as os/as estudantes levaram um pedido de autorização para que seus pais ou responsáveis autorizassem a sua ida, inclusive porque seria realizada no turno oposto ao horário convencional das aulas. No texto foi explicitado o motivo da visita e que esta fazia parte das atividades da disciplina Educação Física. A visita ocorreu em dois dias, um para cada turma onde a temática foi trabalhada. Todos/as puderam participar. Na visita ao Estádio Lourival Batista, o “Batistão”, e ao ginásio Constâncio Vieira tivemos a oportunidade de conversar com um dos diretores da Secretaria de Esporte e Lazer do estado, com ampla vivência na organização de eventos esportivos em Sergipe e ex-dirigente da Federação Sergipana de Futebol. Os/as alunos/as foram apresentados/as aos espaços do estádio, conheceram a história contada por alguém que a vivenciou, participou da inauguração daquele estádio, ali jogou e organiza jogos. Ouviram a história de jogadores sergipanos que ganharam expressão em âmbito nacional, perguntaram sobre o atual contexto econômico do futebol e voleibol em Sergipe, sobre os salários dos jogadores nos times do estado, a situação da mulher nesses esportes, as condições de treinamento dos clubes, etc.

Notei grande interesse dos jovens em desvendar esses outros “jogos” através das perguntas sempre pertinentes e dos comentários indignados em relação à profissionalização do esporte em Sergipe e à condição da mulher nesse contexto. Também ficaram indignados ao saberem dos baixos salários dos jogadores. Os/as estudantes tiveram também a oportunidade de jogar no gramado. Ficaram eufóricos, muitos, emocionados por entrarem num campo oficial, tiravam fotos e constatarem a dificuldade de jogar num espaço com aquela dimensão, pois logo se cansaram.

Ao conhecerem o ginásio Constâncio Vieira, ficaram extremamente indignados ao ver o mau estado de conservação daquele espaço e concluíram que ali estava uma prova do porque de eles não identificarem voleibol profissional no estado de Sergipe, não havia incentivo financeiro nem para o espaço físico, nem para a constituição de times profissionais. Também tiveram oportunidade de jogar. Mas a euforia não foi tanta quanto no estádio. Ouviram do funcionário que naquele espaço também acolhia competições profissionais e até internacionais de ginástica rítmica e futsal, nesse momento foi possível perceber certa dose de orgulho e entusiasmo, principalmente quando souberam que recentemente a seleção sergipana de futsal tinha sido campeã brasileira.

Solicitei que os/as estudantes fizessem um relatório da visita, pontuando os aspectos que mais lhes chamaram a atenção. A maior parte dos relatórios tinha uma perspectiva

crítica bastante acentuada e tratava do preconceito contra as mulheres, da falta de incentivo financeiro ao esporte sergipano, da relação entre o poder econômico e a projeção na mídia por parte de clubes e até mesmo do esporte (considerando futebol e voleibol), da falta de profissionalização no esporte sergipano e dos baixos ou até inexistentes salários dos esportistas em Sergipe, da violência entre as torcidas e da falta de incentivo ao voleibol.

Ao devolver os relatórios, fiz um comentário geral sobre as temáticas abordadas e ressalttei a postura crítica apresentada. Pedi que lessem os relatórios dos colegas e se organizassem em grupos de cinco ou seis pessoas, conforme as temáticas mais enfatizadas em seus relatórios, para que pudessem elaborar um trabalho final do processo vivenciado. Propus então, que eles aproveitassem as discussões realizadas e a visão crítica que agora apresentavam acerca do futebol e voleibol enquanto práticas corporais que se instituem culturalmente a partir das representações de diferentes grupos ao mesmo tempo constituindo a identidade e representações dos sujeitos nos diferentes contextos e assumissem o papel de divulgar essa visão, viabilizando outras representações, outras interpretações e inclusive abrindo campo para divulgação de conhecimentos silenciados. Assim, sugeri a criação de blogs, um artefato da cultura juvenil, comumente utilizado como veículo alternativo para divulgação de trabalhos, idéias, reflexões e produções de artistas, repórteres e/ou escritores independentes.

Os alunos ficaram entusiasmados. Alguns disseram que não sabiam fazer um *blog* e colegas se prontificaram a ensinar, divulgaram um site que disponibilizava informações sobre como construir um *blog*. Houve estudante que disse que os pais não o deixavam utilizar *blog*, então enfatizamos o caráter do *blog* como meio de comunicação de divulgação de mensagens e que estaríamos utilizando para disponibilizar na internet a circulação de mensagens que considerávamos importantes de serem veiculadas em virtude do que havíamos discutido, mas que eu estava a disposição caso alguns pais quisessem esclarecimentos a respeito.

Durante várias aulas reservamos momentos para que os estudantes discutissem o teor de seu *blog*, utilizassem a sala de informática para a pesquisa de textos na internet e a construção dos *blogs*. Além dos horários de aula da Educação Física, alguns alunos freqüentaram a sala de informática da escola no turno oposto para desenvolverem seus blogs, outros se reuniam na casa de um componente do grupo. Marcamos um dia de apresentação e todos os grupos apresentaram para a turma o foco de discussão e como organizaram seus *blogs*. Muitos também mencionaram que seus *blogs* estavam recebendo muitas visitas e comentários. Daí decidimos divulgar os *blogs* entre os outros estudantes da escola. Aproveitamos a Jornada Esportiva, Científica e Cultural do Colégio de Aplicação, para apresentar os trabalhos.

Essa experiência foi especialmente interessante, pois os grupos elegeram um componente responsável e durante um período da referida jornada receberam colegas de diferentes séries, até professores, na sala de informática, que puderam visitar os blogs e fazer seus comentários. Importante notar que a Educação Física passou a participar da parte científica e cultural da jornada (antes estava restrita à parte esportiva), o que certamente viabiliza a construção de outra representação para o componente, diferente daquela inicialmente apresentada pelos alunos, que prepara para a prática esportiva e/ou proporciona momentos de lazer.

Os *blogs* trataram de “violência no esporte”, “curiosidades do voleibol”, “torcida no esporte”, “preconceito contra as mulheres no futebol”, “astros no futebol”, “músicas de futebol”, “rivalidade entre os times”, “a mulher no futebol”, “informações sobre o vôlei”, “salários milionários”.

A avaliação se deu numa perspectiva formativa ao longo de todo o processo. Através das atividades de avaliação dos alunos quanto ao nível de apropriação dos fundamentos técnicos do futebol e voleibol, através da observação dos comportamentos manifestados durante as práticas e da identificação da capacidade de reflexão, crítica e contextualização acerca dos aspectos mais amplos que envolvem o futebol e o voleibol enquanto manifestações que se dão no âmbito da cultura, sendo extremamente importante para regularmos os caminhos tomados, o direcionamento dos questionamentos e a organização das atividades práticas e de aprofundamento e ampliação teórica.

Os comportamentos e “performances” manifestadas nos jogos realizados nas turmas, os trabalhos apresentados e a participação dos/das estudantes na Jornada Esportiva, Cultural e Científica do Colégio de Aplicação (JECCA) desenvolvendo atividades em relação ao futebol e voleibol na parte esportiva (participando de jogos com outras turmas da escola) e na parte científica (com a apresentação dos trabalhos) possibilitou-me perceber que houve desenvolvimento tanto em relação à apropriação dos fundamentos técnicos mais básicos, necessários à prática do voleibol e futebol, quanto em relação à capacidade de compreensão desses esportes numa perspectiva mais ampla e contextualizada. As temáticas expressas nos relatórios da aula de campo, bem como nos *blogs* mostraram que, ao longo do processo, o desvelar dos outros “jogos” inerentes ao voleibol e futebol se efetivaram e de um modo que não era possível prever, uma vez que, como numa partida de qualquer desses esportes, cada toque, cada passe, cada cortada e cada gol, dependia da jogada armada anteriormente, dos jogadores, de suas posições, de sua agilidade e sagacidade, dependia da articulação do capitão do time e da preparação que empreendera, há algum tempo e com regularidade, o treinador. Desse modo, emocionante e imprevisível como uma partida de futebol e voleibol, foi a experiência de “treinar” esses sujeitos a ampliar suas condições de participação nas

práticas de voleibol e futebol e o olhar sobre esses esportes, o que aumentou nossa capacidade de compreendê-los e interagir com e através deles, seja pelo viés da prática esportiva ou da manifestação cultural que de algum modo atinge e interfere na nossa vida.

Foi possível perceber nos discursos apresentados ao final do processo, através dos blogs e das reflexões no “diário do aluno”², indícios de que as discussões e atividades desenvolvidas interferiram na constituição de identidades mais democráticas, propensas ao diálogo, ao respeito ao diferente, à leitura crítica da realidade cultural na qual vivem e a assunção de posturas políticas diante de discursos preconceituosos em favor das identidades minoritárias. A saber:

“Conclusão do grupo”

Concluimos que ao contrário do que pensávamos os conflitos no mundo do futebol são muito freqüentes. A quantidade de violência nesse meio é muito espantosa. Esse blog era para ser apenas um trabalho de escola, da matéria de Educação Física, mas decidimos ir mais além e trazermos todos os tipos de informações sobre o assunto. Achamos que a mulher tem um importante papel no futebol, que este é um grande espetáculo e que o número de mortes pelos conflitos a cada ano é imenso, considerado a muitos países desenvolvidos. Aqui está a opinião de Anna Beatriz (Anita) e Carla Adrielle”. Em: <http://conflitosemjogos.zip.net/>

“Na opinião do grupo o preconceito no futebol é um absurdo, pois o futebol foi feito para todos. Além disso todos são iguais independente do sexo ou da opção sexual e todos tem os mesmos direitos. Não é porque você é mulher ou homossexual que tem menos direitos que os homens e os heterossexuais”. Em: <http://preconceitonofutebol.blogspot.com/2009/09/opinioao-do-grupo-sobre-o-preconceito-no.html>

“No Brasil existem muitos jogadores de “qualidade”, o que valoriza o nosso país. Embora alguns estados não sejam valorizados e famosos, temos jogadores bons e que jogam bem”. Em: <http://astrodofutebol.blogspot.com/2009/09/opinioao-do-grupo.html>

“Achei que os conteúdos foram importantes para a nossa aprendizagem, foram muitas informações achei interessante o blog, no começo achei que era uma perda de tempo mas depois foi ficando interessante” (Krislayne, 7º ano A).

“A forma (de ensino) foi bem dinâmica, tivemos passeios, fizemos blogs, brincamos e outros. Dessa maneira fica mais fácil aprender” (Bruna, 7º ano B).

“Eu aprendi que Educação Física não é só esporte. Adorei ir ao Batistão e ao Constâncio Vieira” (Estudante, 7º ano B).

² Local onde os alunos/as registravam, ao final de cada projeto desenvolvido, as impressões, reflexões, críticas e sugestões acerca da temática trabalhada, da metodologia empreendida, da postura e comportamento dos colegas, de si próprio e da professora ao longo das aulas.

“Gostei muito do incentivo ao blog, agora minha mãe sabe o que é, posso ter um para publicar meus desenhos” (Anna Beatriz, 7º ano A).

“Pontos positivos: aprendemos muitas coisas, tiramos dúvidas e aumentamos nosso campo de visão sobre o que há por trás do voleibol e do futebol (preconceitos, diferença de salários, jogadores famosos ou não, rivalidade entre os times e torcidas, violência nos estádios etc.)” (Jéssica, 7º A).

Assim, os resultados dessa experiência apoiada nas conexões apontadas pelos Estudos Culturais entre a cultura e a constituição da subjetividade dos sujeitos permite evidenciar a importância de se considerar a dimensão cultural das práticas corporais no trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Básica. Principalmente, ao identificarmos a função social da escola articulada à constituição de identidades para e na vida social mais ampla. Confrontando esses fatores com as necessidades educacionais que se expõem no mundo contemporâneo, globalizado e regido pelo neoliberalismo, é fundamental a realização de práticas de ensino politicamente engajadas na constituição de identidades democráticas, que possam fazer frente aos efeitos negativos e homogeneizantes da dinâmica sócio-cultural hegemônica.

REFERÊNCIAS

Blog Astros do futebol [internet]. Disponível em: <http://www.astrosdofutebol.blogspot.com>

Blog Conflitos em jogos [internet]. Disponível em: [http:// www.conflitosemjogos.zip.net](http://www.conflitosemjogos.zip.net)

Blog Esportes no Brasil e no mundo [internet]. Disponível em: <http://www.esportesnoticias1.blogspot.com>

Blog Futebol [internet]. Disponível em: <http://www.futebolnoticias1.blogspot.com>

Blog Mulheres no futebol [internet]. Disponível em: <http://www.mulhertambemsabe01.blogspot.com>

Blog Músicas de futebol [internet]. Disponível em: <http://www.musicasdefutebol.blogspot.com>

Blog Preconceito no futebol [internet]. Disponível em: <http://www.preconceitonofutebol.blogspot.com>

Blog Rivalidades entre clubes [internet]. Disponível em: <http://www.clubesrivais.blogspot.com>

Blog Salários milionários [internet]. Disponível em: <http://www.salariosmilionarios.blogspot.com>

Blog Torcida no esporte [internet]. Disponível em: <http://www.torcidanoesporte.blogspot.com>

Blog Voleibol [internet]. Disponível em: [http:// www.voleibolcuriosidades.blogspot.com](http://www.voleibolcuriosidades.blogspot.com)

BRASIL, Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 22. jul./dez. 1997. nº 2, p. 15-46.

JHONSON, R. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, T. T. (Organização e traduções). **O que é, afinal, estudos culturais?** 3 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

NEIRA, M. G. e NUNES, M. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.